



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

Os grandes eventos e a crise internacional: a experiência da Expo de Milão 2015

Doutor Stefano Di Vita

Research Fellowship, Politecnico di Milano, Dipartimento di Architettura e Pianificazione, via Bonardi 3, 20133 Milano (Italia). **E-mail:** stefano.divita@polimi.it

RESUMO

Received: 12 September 2012
Accepted: 14 December 2012

PALAVRAS-CHAVE:

Grandes eventos
Crise internacional
Competitividade urbana
Sustentabilidade urbana
Desenvolvimento global

Se na segunda metade do século XIX os grandes eventos têm sido uma oportunidade de inovação arquitetônica e expansão urbana, a partir dos anos noventa do século XX os grandes acontecimentos e as obras-evento assumiram o papel de alavanca para a promoção e a realização de complexas operações de transformação das cidades-sede na etapa pós-industrial do seu desenvolvimento. A crise global, que eclodiu em 2008 e ainda em andamento, parece ter minado a associação, além disso não óbvia, "grandes eventos – desenvolvimento territorial", causando muitas dificuldades para as cidades que, como Milão com a Expo 2015, havia promovido anteriormente sua candidatura para sediar um grande evento e agora sofre com o peso da organização e realização de um grande evento em um contexto geral de recursos cada vez mais escassos. Com particular referência ao caso milanês, este artigo salienta a necessidade de se identificar novos caminhos de desenvolvimento para a cidade, concebida na sua dimensão metropolitana regional, reconhecendo mais uma vez nos grandes eventos uma potencialidade para repensar políticas, planos e projetos territoriais realmente capazes de combinar os objetivos de competitividade e de sustentabilidade.

KEY-WORDS:

Mega-events
International crisis
Urban competition
Urban sustainability
Global development

ABSTRACT – MEGA-EVENTS AND THE INTERNATIONAL CRISIS: THE EXPERIENCE OF MILAN EXPO 2015. If in the second half of the Nineteenth Century mega-events were an opportunity for architectural innovation and urban growth, from the Nineties of the Twentieth Century they have assumed the role of leverage for the promotion and implementation of complex operations of urban change for the host cities in their post-industrial development. The global crisis, which broke out in 2008 and that is still in progress, seems to have undermined the association (furthermore not obvious) "large events - urban development", leading many difficulties for cities, such as Milan with Expo 2015, that had previously promoted their candidacy to host a mega-event and which are now suffering because of the organization and implementation of an event in a general context of increasingly scarce resources. Referring to the case of Milan, this article emphasizes the need to identify new strategies for the development of cities, now intended in their regional metropolitan dimension, recognizing once again to mega-events the potentialities to rethink urban policies, plans and projects really able to combine objectives of competitiveness and sustainability.

PALABRAS-CLAVE:

Los grandes eventos
International Crisis
Competitividad urbana
Sostenibilidad Urbana
Desarrollo Global

RESUMEN – LOS GRANDES EVENTOS Y LA CRISIS INTERNACIONAL: LA EXPERIENCIA DE LA EXPO DE MILÁN 2015. Si en la segunda mitad del siglo XIX los grandes eventos han sido una oportunidad de innovación arquitectónica y expansión urbana, a partir de los años noventa del siglo XX los grandes acontecimientos y las obras-evento asumieron el papel de palanca para la promoción y la realización de complejas operaciones de transformación de las ciudades-sede en la etapa post-industrial de su desarrollo. La crisis mundial, que estalló en 2008 y aún en curso, parece haber socavado la asociación, además de eso no obvia, "grandes eventos - desarrollo territorial", causando muchas dificultades para las ciudades que, como Milán con la Expo 2015, había promovido previamente su candidatura para organizar un gran evento y ahora sufre bajo el peso de la organización y celebración de un gran evento en un contexto general de recursos cada vez más escasos. Con particular referencia al caso Milanés, este artículo destaca la necesidad de identificar nuevos caminos de desarrollo para la ciudad, concebida en su dimensión regional metropolitana, reconociendo una vez más, en los grandes eventos una potencialidad para repensar las políticas, planes y proyectos territoriales realmente capaces de combinar los objetivos de competitividad y sostenibilidad.

Introdução

Os grandes eventos da metrópole industrial e cidade global

Numerosos são os estudos que, a nível nacional e internacional, trataram dos efeitos territoriais dos grandes eventos e, ao mesmo tempo, da definição e da classificação dos grandes acontecimentos. Se os mega-eventos são incidentes repentinos que afetam as cidades e as regiões e a sua conclusão impõe uma transformação radical das estruturas urbanas e regionais (IMBESI, 2004)¹, é possível reconhecer uma padronização de certos procedimentos (por exemplo, de organização geral, de recebimento, de marketing) e ao mesmo tempo, encontrar uma grande variedade de soluções (por exemplo, de procedimentos de execução, de orçamentos utilizados, do target real e de mídia, do objetivo da iniciativa) (GUALA, 2005)².

Excluindo eventos catastróficos, geralmente não intencionais, uma primeira distinção pode ser estabelecida entre:

- os grandes eventos internacionais, ou fenômenos esportivos, políticos, econômicos, culturais ou religiosos, de duração limitada, cuja organização produz efeitos significativos no território, que se prolongam ao longo do tempo;
- as "obras-evento", ou artefatos de valor urbano (edifícios de elevado valor simbólico, projetos urbanos de grande porte e reconhecimento, obras de infraestrutura, mas especialmente instalações para o lazer), muitas vezes projetadas por arquitetos pertencentes ao *star system* internacional e capazes de redefinir o desenho e a proposta de uma cidade (GUALA, 2002)³.

Estas duas categorias são caracterizadas por alguns elementos de assimilação, como as enormes implicações em termos de transformações territoriais e de capacidade de ressonância internacional, a partir da atenção da mídia e dos fluxos turísticos. O principal elemento distinção é ao invés representado pela sua duração: se os grandes eventos são "eventos temporários" e tem um caráter efêmero, as "obras-evento" são "eventos permanentes" e têm um caráter duradouro (*Ibidem*).

Apesar de que os mega-eventos são frequentemente considerados como uma especificidade da economia e da sociedade contemporâneas, estas oportunidades foram amplamente utilizadas também no passado, a partir das Exposições realizadas em muitas cidades durante os séculos XIX e XX e das Olimpíadas reintroduzidas em versão moderna a partir da edição de Atenas 1896. Em particular, a partir da segunda metade do século XIX, os grandes eventos foram ocasião de inovação arquitetônica e de expansão urbana através da construção de

¹ Imbesi P.N. (editado por), *Governare i grandi eventi. L'effetto Pulsar e la pianificazione urbanistica*, Gangemi Editore, Roma 2004.

² Guala C., *The carnival is over. Genova 2004 e dintorni*, em *Urbanistica Informazioni* n°204 del 2005.

³ Guala C., *Per una tipologia dei megaeventi*, em Dansero E., Segre A. (editado por), *Il territorio dei grandi eventi. Riflessioni e ricerche guardando a Torino 2006*, número monográfico do *Bollettino della Società Geografica Italiana*, serie XII, volume VI, fascículo 4, outubro-dezembro 2002.

novos assentamentos, que muitas vezes permitiram experimentar modelos inéditos de desenvolvimento e representaram a matriz originária de sucessivas ampliações das cidades-sede (ERBA, 2010)⁴. Exemplos importantes podem ser reconhecidos na Expo de Paris 1889 e 1900, com a realização da Torre Eiffel e da expansão do Sudoeste da cidade; na Expo de Barcelona 1888, que foi seguido pela expansão da cidade na área do *Parc de la Ciutadella*, e de Barcelona 1929, que iniciou a expansão da cidade nas encostas do *Montjuic*; na Expo de Roma 1942 que, embora suspenso por causa da Segunda Guerra Mundial, foi contudo a origem da subsequente expansão urbana da EUR.

Desde o século XIX, eventos de caráter excepcionais têm afetado, por vezes significativamente, a vida da cidade. É contudo verdade que a interação entre mega-eventos e renovação urbana, seu papel central no marketing da cidade, assume um peso específico e valores particularmente evidentes desde as últimas décadas do século XX (DE MAGISTRIS, 2004)⁵. Um crescimento, tanto em termos de frequência e diversificação dos tipos de eventos, quanto em termos de tamanho das intervenções e de extensão do impacto.

O desenvolvimento de uma sociedade e de uma economia pós-industrial nos países ocidentais, a formação de um sistema econômico e cultural estendida a uma escala global, a crescente concorrência urbana internacional, a difusão dos processos de urbanização e o desenvolvimento de grandes regiões metropolitanas (diretamente relacionadas entre si, mas altamente fragmentadas internamente) têm induzido a proliferação de complexas operações de transformação territorial (espacial, econômica, social, de imagem). O crescente apetite e propagação de grandes eventos, registrado nos anos 90 do século XX, está ligado à sua capacidade de acelerar esses processos de renovação, fornecendo o pretexto ou as justificativas para a realização de grandes projetos (frequentemente a longo esperado), levantando recursos humanos e econômicos extraordinários, oferecendo oportunidades de marketing a nível internacional para as cidades e as regiões sede.

Os mega-eventos são exemplos perfeitos da transição da ética da produção à estética do consumo, que tende a sacrificar a cidade contemporânea ao comércio e ao turismo reduzindo-a, nos casos mais extremos, uma espécie de parque temático disneyriano (NICOLIN, 2007)⁶. Muitas vezes, de fato, os eventos degeneraram em um espetáculo para o consumo de massa, expressão de uma dominante cultura de opulência fundamentada em uma mistura letal de competitividade e aparência em que tudo é permitido (GAJA I DIAZ, 2009)⁷. Ou seja, resulta em condições de desenvolvimento efêmero, limitado no tempo, e

⁴ Erba V., *Prefazione*, em Di Vita S., *Milano Expo 2015. Un'occasione di sviluppo sostenibile*, Franco Angeli, Milão 2010.

⁵ De Magistris A., *Irescenari. Secondo rapporto triennale sugli scenari evolutivi del Piemonte 2004/06. Considerazioni sull'impatto socioeconomico e territoriale dei giochi del 2006*, IRES Piemonte, Torino 2004.

⁶ Nicolin P., *Milano Boom. Dall'etica della produzione all'estetica del consumo*, em Lotus n°131 del 2007.

⁷ Gaja i Diaz F., *Grandi eventi, grandi progetti: una scommessa ad alto rischio*, em Erba V. (editado por), *Milano, Forum Expo 2015*, em *Territorio* n°48 de 2009.

força a administração pública a apoiar grandes investimentos cujos maiores benefícios tendem de fato a valorizar alguns interesses especiais em detrimento do coletivo. Nesse sentido, os grandes eventos são frequentemente associados a episódios de corrupção e/ou a trabalhos incompletos pelo aumento vertiginoso dos custos de construção e do esgotamento dos recursos econômicos disponíveis, como por exemplo surgido com a Copa do Mundo de Itália 1990, mas também com o mais recente Mundial de Natação de Roma e do previsto G8 de La Maddalena (in Sardenha), ambos em 2009.

Os casos estudados em pesquisas anteriores⁸ demonstraram que os efeitos positivos dos grandes eventos não são descontáveis e muitas vezes os resultados obtidos são negativos. Considerando o impacto espacial e social dos grandes eventos, independentemente do resultado de um evento por si só, em termos de visitantes atraídos e balanços econômicos, não é possível reconhecer uma relação única entre o sucesso de um evento e o reposicionamento das cidades e regiões sede no cenário de concorrência global, a valorização das áreas diretamente afetadas, a resposta às exigências dos *city users* e as necessidades dos moradores da cidade. Existem muitas variáveis, que condicionadas pelas características ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais locais, afetam resultados e nem todos são previsíveis ou solucionáveis.

Milão Expo 2015: entre perspectivas de crescimento e dificuldades econômico-financeiras

A candidatura de Milão para a Expo 2015 foi em novembro de 2006, enquanto que o *Bureau International d'Expositions* (BIE) concedeu o evento para a cidade italiana em março de 2008. As condições sobre as quais se opera até o outono de 2008, no entanto, estão mudando rapidamente com a explosão da crise global, atualmente ainda em andamento: uma crise não cíclica, mas estrutural; uma crise não só financeira e econômica, mas também social e ambiental, que produziu mudanças radicais na estrutura socioeconômica e política global, que se traduzem em um aumento adicional na competição internacional em face de uma redução drástica dos recursos disponíveis.

Nas últimas décadas, o sistema econômico e social em Milão é regenerado de forma independente, sem uma forte direção pública, passando em um curto espaço de tempo a delicada transição terciária das cidades, pelo que a Expo 2015 nunca foi percebida como uma condição necessária para o desenvolvimento territorial, provavelmente em detrimento do próprio evento.

Apesar de a Expo abordar a questão da alimentação e da nutrição, moldada com relação aos objetivos gerais de desenvolvimento sustentável, o evento mais uma vez foi concebido como uma exposição tradicional, concentrada em um recinto especial de nova construção perto do polo de exposições de Fiera Milano em Rho-Pero. Uma obra que vai produzir um consumo solo de cerca de 1 milhão

⁸ Em particular: a tese de doutorado em “Pianificazione Urbana Territoriale e Ambientale” no Politecnico di Milano, subsequentemente traduzida na publicação “Di Vita S., *Milano Expo 2015. Un'occasione di svilupposostenibile*, Franco Angeli, Milão 2010”; bem como na pesquisa “Expo Diffusa e Sostenibile” do Dipartimento di Progettazione dell'Architettura do Politecnico di Milano, subsequentemente traduzida na publicação “Battisti E., Battisti F., Di Vita S., Guerritore C., *Expo Diffusa e Sostenibile*, Unicopli, Milão 2011”.

de metros quadrados dentro de uma área metropolitana já densamente urbanizada, colocando-se em contradição com o tema proposto. Segundo as previsões, o novo centro de exposições, localizado na área suburbana, será integrado ao centro de Milão, através dos projetos *Via d'Acqua* e *Via di Terra*. Somente os projetos complementares de desenvolvimento de infraestrutura (ainda infelizmente inclinados para a melhoria do transporte rodoviário) dizem respeito a outras províncias, confirmando um cenário fortemente "*milanocentrico*" do evento (DI VITA, 2011)⁹.

Algum potencial foi reconhecido no *Accordo Quadro di Sviluppo Territoriale (AQST) "Expo 2015"*, promovido no Outono de 2008 pela *Regione Lombardia*, com o objetivo de identificar uma série de projetos (previstos ou em curso na região) para sistematizar com a Expo e estender o efeito evento por toda a províncias de Lombardia. Um programa virtuoso, embora apenas abordado dentro dos limites regionais, que já não correspondem aos fenômenos de metropolização em vigor em todo o Norte da Itália. Um programa, no entanto, habilitado segundo uma tradicional abordagem "*top down*" e seguindo à definição de projetos oficiais para a Expo, já acordado com o BIE através do "*Dossier di Candidatura*", e ainda não foi concluído. As baixas expectativas estão enfrentando às vezes inúmeros protocolos que a empresa "*Expo 2015 SPA*" assinou com muitas cidades e províncias da região Lombarda e da regiões vizinhas, excessivamente fragmentados, muito genéricos e sem conteúdo concreto, e ainda dispersos em termos de habilidades de programação (*Ibidem*).

Além das críticas de programa e projetos, há muitas dúvidas sobre o modo de conduzir o processo. Após atribuição da Expo para a cidade de Milão, uma série de dificuldades foi registrada na formação da sociedade de gestão do evento, bem como na definição de certas decisões estratégicas, tais como a inerente à propriedade das áreas onde deverá surgir a vila de exposição que irá sediar o evento: em particular, tem havido numerosos confrontos entre *Comune di Milano* e *Regione Lombardia*, no entanto, na época administrada pelas mesmas coligações políticas de centro-direita, com a consequente formação de atrasos significativos na execução dos projetos e no início das obras.

Paralelamente, a crise global mudou completamente o cenário em que o evento estava sendo criado, causando a redução imediata dos recursos disponíveis e o consequente cancelamento de obras importantes para a cidade e a região, que deveriam ter sido incorporadas ao evento, a fim de estender os benefícios no tempo e no espaço, promovendo condições de desenvolvimento duráveis e não efêmeros.

Considerando-se o progresso em 29 de julho de 2011 das obras coordenadas pela *Tavolo Lombardia*¹⁰, além da atrasada e dificultosa realização da vila da exposição que será a sede oficial da Expo, para "obras essenciais", previstas no Dossier de

⁹ Di Vita S., *Milano-Torino 2015: proposte bottom up per una rigenerazione territoriale diffusa e sostenibile*, em De Magistris A., Rolando A. (editado por), *Torino Milano: prospettive territoriali per una cooperazione competitiva*, na revista *Atti e Rassegna Tecnica della Società degli Ingegneri e degli Architetti* in Torino (SIAT), n°3-4 de 2011.

¹⁰ A *Tavolo Lombardia* é uma tabela institucional para a direção de intervenções regionais para a Expo 2015.

Candidatura, o fundo disponível era de 837,6 milhões de euros sobre 1.391,8 necessários. Para os "trabalhos relacionados", incluídos no Dossiê de Candidatura, os fundos disponíveis eram de 10,225 milhões de euros para 10,638 necessários. Finalmente, para as "obras necessárias", não incluídas no Dossiê de Candidatura, o fundos disponíveis eram igual a 3,392 milhões de euros para 7,719 necessários. No geral, muitas das obras previstas ainda não foram completamente ou parcialmente financiadas, algumas foram removidas e outras não serão concluídas até à Primavera de 2015.

Grandes eventos e *mega-city region*: propostas de desenvolvimento *glocal*?

Apesar de algumas contradições óbvias entre eventos e sustentabilidade, os grandes eventos, se devidamente orientados, podem representar um importante campo de investigação para o debate sobre o desenvolvimento sustentável que, graças à exploração do efeito de espetáculo, pode encontrar uma oportunidade para divulgação a nível internacional (FURRER, 2002)¹¹. Neste sentido, a mudança repentina, embora previsível, produzido pela crise global, poderia ser interpretado como uma oportunidade para introduzir elementos necessários de inovação nas estratégias e nas ações de desenvolvimento territorial, assumindo uma maior sensibilidade junto ao sistema ambiental e social local (DI VITA, 2011).

A construção de grandes obras, localizadas em áreas espacialmente restritas e a ser concluída em curto espaço de tempo, é considerada uma das principais causas das questões críticas produto dos grandes eventos: questões críticas ambientais (por exemplo, em termos de consumo de solo), económicas (por exemplo, em termos de aumento do déficit público), social (por exemplo, em termos de formação de enclaves), urbanísticos (por exemplo, em termos de património abandonado pós-evento). Oportunidades para a sustentabilidade são ao contrário frequentemente identificadas na distribuição territorial de pequenas obras e na sua inserção em um planeamento de longo prazo, desde que orientada pelos objetivos reais de reabilitação ambiental e de reequilíbrio social, e não proposto como slogan utilizado para fins de marketing (DI VITA, 2010).

A intensificação atualmente em vigor do processo regionalização do urbano, que engloba toda a Europa, e que intensamente respeita à macrorregião do norte da Itália, confirma a dissociação entre a ideia tradicional de cidade e as dinâmicas contemporâneas de urbanização do território (BOLOCAN GOLDSTEIN, 2008)¹². A dimensão regional agora frequentemente assumida pela cidade e as atuais condições económicas, sociais e ambientais devem procurar uma ampliação do cenário de referência dos grandes eventos de escala urbana para a regional e o desenvolvimento de processos mais amplos de regeneração territorial com base em: valorização do património paisagístico-ambiental, socioeconómico e cultural local; desenvolvimento de uma gestão baseada na participação de todos

¹¹ Furrer P., *Giochi olimpici sostenibili: utopia o realtà?*, em Dansero E., A. Segre (Editado por), *Il territorio dei grandi eventi. Riflessioni e ricerche guardando a Torino 2006*, em *Bollettino della Società Geografica Italiana* series XII, volume VI, fascículo 4 de 2002.

¹² Bolocan Goldstein M., *Città senza confini, territori senza gerarchie*, em Società Geografica Italiana, *L'Italia delle città. Tra malessere e trasfigurazione*, Relatório Anual, Roma 2008.

os interessados (organizadores do evento, autoridades locais, empresários e o terceiro setor); projeto arquitetônico e urbano sustentável¹³; constante monitoramento e avaliação periódica dos impactos produzidos. Esta mudança, possível e desejada, trataria de enfrentar o desafio do desenvolvimento global através da valorização local.

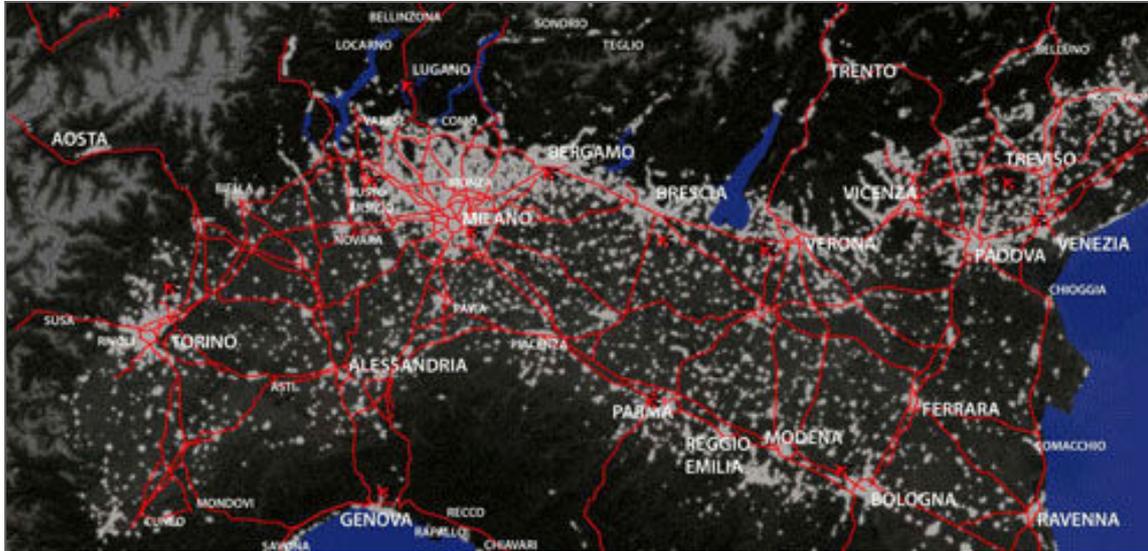


Fig. 01 - Megalopolis Padana (BATTISTI et al., 2011)

Quanto à Expo 2015, imaginando todo o norte da Itália como um grande "glocal city" de limites dificilmente reconhecíveis (MAGATTI; GHERARDI, 2011)¹⁴, o objetivo deve ser o de alcançar níveis mais elevados de competitividade internacional do território local, contando com a cooperação interna entre Milão e a macrorregião em que a cidade está localizada e a qual está intrinsecamente ligada; e sobre a sustentabilidade ambiental, econômica e social da cidade e da região metropolitana. Tendo já sido concluído, não sem dificuldade, a programação do evento, o desafio atual portanto deve ser a programação da fase pós-evento, até agora subestimada, que deve ser definida com respeito ao conteúdo e método.

Em um contexto de crise global, este desafio pode ser visto como uma oportunidade de experimentar a inovação e estimular o desenvolvimento de todo o país. Os casos de maior sucesso entre aqueles analisados sugerem definir uma estrutura orgânica, porém flexível, de estratégias comuns de desenvolvimento

¹³ Por exemplo, em relação aos objetivos de flexibilidade, de poupança de energia, redução de emissões, redefinição do ambiente urbano e regional em termos de preservação e valorização dos recursos paisagístico ambiental e de regeneração social.

¹⁴ Magatti M., Gherardi L. (a cura di), *The city of flows. Territories, agencies and institutions*, Mondadori, Milão 2010.

territorial, envolvendo não só o Milão, mas ampliando o olhar para a *mega-city region* do norte da Itália com respeito a limites não reconhecíveis anteriormente, mas para identificar especificamente em relação aos individuais sistemas territoriais. Essas estratégias devem traduzir-se em sistemas de políticas públicas e em instrumentos de projeto e planejamento territorial local que, para a redução de recursos econômicos disponíveis, devem promover não apenas a construção de grandes obras, mas também a otimização do patrimônio existente e a disseminação de pequenas intervenções de valorização da especificidade e de resolução de questões locais. Pela mesma razão, estas estratégias devem encontrar novas formas de implementação e gestão, economicamente sustentáveis, de trabalhos individuais, redefinindo as relações público-privadas; assim como deve atribuir diferentes níveis de prioridade às ações previstas, de forma que, mesmo no caso de sua execução parcial, no entanto, pode ser garantido um desenvolvimento territorial orgânico e sistemático, e não de fragmentos não integrados.

O sistema de estratégias de desenvolvimento territorial para o pós-evento pode ser reconduzido ao tema da alimentação e da nutrição da Expo 2015, e, ao mesmo tempo, poderia promover algum ponto de força local: os macro serviços (por exemplo, os polos culturais, educacionais, para exposições e conferências); as atividades de produtivas especializadas e empresas com alta capacidade para a inovação, tradicionalmente localizadas; as atividades turísticas e comerciais; a acessibilidade internacional (por exemplo, o sistema de aeroportos e da rede ferroviária de alta velocidade), o setor imobiliário (destinado a modificar-se pela crise global); mas acima de tudo os espaços abertos: uma oportunidade tanto para apoiar a renovação da agricultura, através do reavivamento da produção local, tanto para promover a utilização social e turístico na área, ajudando a proteger o meio ambiente e a paisagem. Estas estratégias devem também apoiar a redução de alguns pontos fracos: as ineficiências no sistema administrativo, a ainda relativa marginalidade da economia do conhecimento em relação a outras *mega-city region*, a qualidade dos espaços públicos, dos serviços básicos e da mobilidade local (para a integração de corredores de grandes infraestruturas criadas recentemente que geralmente dominam os territórios atravessados), as condições de saúde e de segurança do população assentada (DI VITA, 2011).

Em particular, uma contribuição significativa poderia ser oferecida pelo desenvolvimento de *Information and Communications Technology*, aplicado não apenas para as áreas urbanas individuais, mas também para os territórios intermediários, ampliando o conceito de *Smart City* (cada vez mais praticado) ao de *Smart Region* (ROLANDO, 2011)¹⁵.

Expo 2015 deve ser uma oportunidade para iniciar um processo de reorganização territorial que, sobre a perspectiva do pós-evento, pode ajudar a ultrapassar os limites administrativos tradicionais e reduzir os conflitos locais; bem como, deve ser uma oportunidade para a integração do processo "*top down*" e "*bottom-up*", através do envolvimento de todos os interessados (local e

¹⁵ Rolando A., *Torino e Milano: territori intermedi e spazi aperti come opportunità di sviluppo di una Smart Region*, em De Magistris A., Rolando A. (editado por), *Torino Milano: prospettive territoriali per una cooperazione competitiva*, na revista *Atti e Rassegna Tecnica della Società degli Ingegneri e degli Architetti in Torino (SIAT)*, n°3-4 de 2011.

internacional) ativos na área, o que poderia ajudar a gerir as consequências do evento e a delinear e aprofundar estratégias e ações de desenvolvimento territorial a partir de 2015.

Conclusões: a experiência da pesquisa “Expo Diffusa e Sostenibile (EDS)”

Além das ações tomadas por empresas e organizações oficialmente envolvidos e responsáveis, os grandes eventos são muitas vezes portadores de iniciativas “*bottom up*”, que em sua autonomia tendem a desenvolver-se paralelamente aos mesmos. Um dos impactos mais significativos que será herdado pela Expo 2015 poderia ser representado pelo grande debate cívico no local, em parte expresso através da pesquisa “*Expo Diffusa e Sostenibile (EDS)*” do *Politecnico di Milano*¹⁶: um debate que evoluiu em paralelo com a intensificação das dificuldades encontradas pelas organizações e empresas responsáveis pelo evento.

O projeto EDS sugeriu integrar os projetos oficiais da Expo com obras complementares para a reabilitação do ambiente e da paisagem local e ao fortalecimento dos sistemas de cultura, de hospitalidade, de mobilidade: opera principalmente com base no uso e desenvolvimento de edifícios, espaços e infraestrutura existente em toda a região Lombardia, e além das fronteiras regionais, com o objetivo de aumentar tanto a atratividade do evento, para o qual o financiamento disponível continua reduzindo, quanto o nível de sustentabilidade ambiental, econômica e social do evento e do legado pós-evento (BATTISTI et al, 2011)¹⁷.

Os recursos territoriais foram identificados não só por pesquisadores do *Politecnico di Milano*, mas também pelos municípios, províncias, empresários, associações locais e cidadãos comuns que responderam à iniciativa e utilizaram o portal web de *e-participation*, especialmente criado¹⁸. O desenvolvimento da região metropolitana do norte da Itália, portanto, pode também usar propostas e relatórios promovidos por atores de diferentes tipos e níveis dentro processos de “*bottom up*”, como aquele estimulado pela pesquisa EDS, não só com respeito à capital de Lombardia, mas a grande escala; não só em função da Expo 2015, mas sobretudo do pós-evento.

Apesar da escolha oficial por Milão 2015 agora já estar tomada, se apenas algumas das oportunidades aqui referidas forem estendidas e concretamente valorizadas, o evento pode ainda assumir, na perspectiva de 2016, o papel de laboratório de uma ampla regeneração territorial, combinando objetivos de competitividade e sustentabilidade e conciliando a dimensão global e local.

¹⁶ Pesquisa financiada pelo Politecnico di Milano, Dipartimento di Progettazione dell'Architettura (DPA), e da Fundação CARIPLO (responsável: Emilio Battisti; coordenador: Francesca Battisti; colaboradores: Stefano Di Vita e Camilla Guerritore).

¹⁷ Battisti E., Battisti F., Di Vita S., Guerritore C., *Expo Diffusa e Sostenibile*, Unicopli, Milão 2011.

¹⁸ www.eds.dpa.polimi.it.

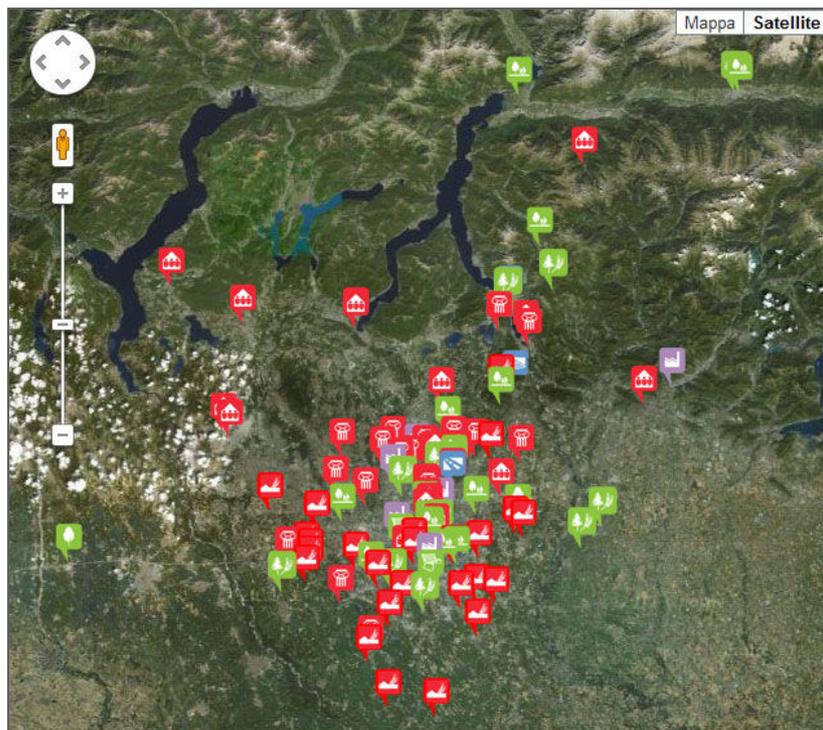


Figura 2 - Projeto EDS, mapa de lugares (www.eda.dpa.polimi.it).

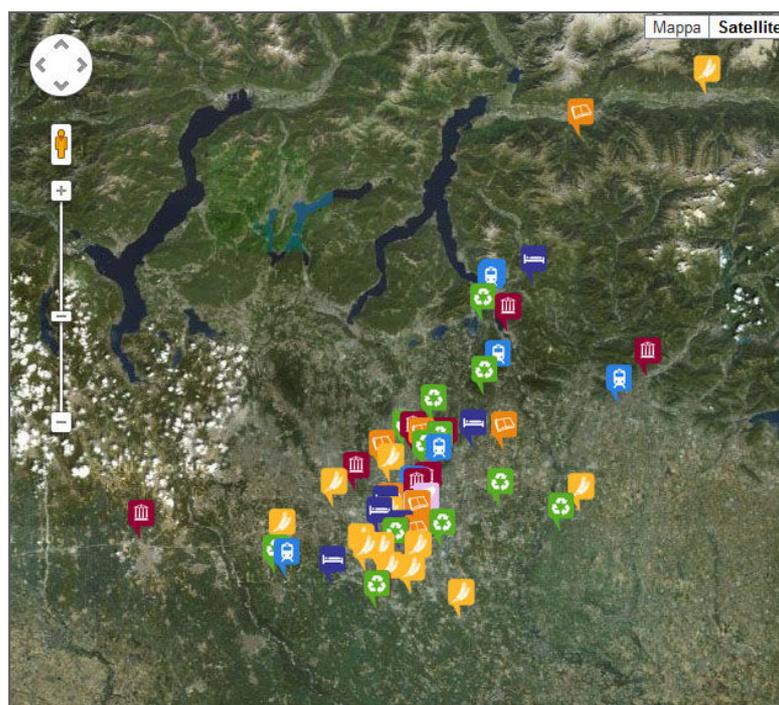


Fig. 03 - Projeto EDS, mapa de projetos (www.eds.dpa.polimi.it).

References

- Battisti E., Battisti F., Di Vita S., Guerriore C., *Expo Diffusa e Sostenibile*, Unicopli, Milão 2011.
- Bolocan Goldstein M., *Città senza confini, territori senza gerarchie*, em Società Geografica Italiana, *L'Italia delle città. Tra malessere e trasfigurazione*, Relatório Anual, Roma 2008.
- Dansero E., Segre A. (editado por), *Il territorio dei grandi eventi. Riflessioni e ricerche guardando a Torino 2006*, número monográfico do *Bollettino della Società Geografica Italiana*, serie XII, volume VI, fascículo 4, outubro-dezembro 2002.
- De Magistris A., *Irescenari. Secondo rapporto triennale sugli scenari evolutivi del Piemonte 2004/06. Considerazioni sull'impatto socioeconomico e territoriale dei giochi del 2006*, IRES Piemonte, Torino 2004.
- De Magistris A., Rolando A. (editado por), *Torino Milano: prospettive territoriali per una cooperazione competitiva*, na revista *Atti e Rassegna Tecnica* della Società degli Ingegneri e degli Architetti in Torino (SIAT), n°3-4 de 2011.
- Di Vita S., *Milano Expo 2015. Un'occasione di sviluppo sostenibile*, Franco Angeli, Milão 2010.
- Di Vita S., *Milano-Torino 2015: proposte bottom up per una rigenerazione territoriale diffusa e sostenibile*, em De Magistris A., Rolando A. (editado por), *Torino Milano: prospettive territoriali per una cooperazione competitiva*, na revista *Atti e Rassegna Tecnica* della Società degli Ingegneri e degli Architetti in Torino (SIAT), n°3-4 de 2011.
- Erba V. (editado por), *Milano, Forum Expo 2015*, em *Territorio* n°48 de 2009.
- Erba V., *Prefazione*, em Di Vita S., *Milano Expo 2015. Un'occasione di sviluppo sostenibile*, Franco Angeli, Milão 2010.
- Furrer P., *Giochi olimpici sostenibili: utopia o realtà?*, em Dansero E., A. Segre (Editado por), *Il territorio dei grandi eventi. Riflessioni e ricerche guardando a Torino 2006*, em *Bollettino della Società Geografica Italiana* series XII, volume VI, fascículo 4 de 2002.
- Gaja i Diaz F., *Grandi eventi, grandi progetti: una scommessa ad alto rischio*, em Erba V. (editado por), *Milano, Forum Expo 2015*, em *Territorio* n°48 de 2009.
- Guala C., *Per una tipologia dei megaeventi*, em Dansero E., Segre A. (editado por), *Il territorio dei grandi eventi. Riflessioni e ricerche guardando a Torino 2006*, número monográfico do *Bollettino della Società Geografica Italiana*, serie XII, volume VI, fascículo 4, outubro-dezembro 2002.
- Guala C., *The carnival is over. Genova 2004 e dintorni*, em *Urbanistica Informazioni* n°204 del 2005.
- Imbesi P.N. (editado por), *Governare i grandi eventi. L'effetto Pulsar e la pianificazione urbanistica*, Gangemi Editore, Roma 2004.
- Magatti M., Gherardi L. (a cura di), *The city of flows. Territories, agencies and institutions*, Mondadori, Milão 2010.
- Nicolin P., *Milano Boom. Dall'etica della produzione all'estetica del consumo*, em *Lotus* n°131 del 2007.
- Rolando A., *Torino e Milano: territori intermedi e spazi aperti come opportunità di sviluppo di una Smart Region*, em De Magistris A., Rolando A. (editado por), *Torino Milano: prospettive territoriali per una cooperazione competitiva*, na revista *Atti e Rassegna Tecnica* della Società degli Ingegneri e degli Architetti in Torino (SIAT), n°3-4 de 2011.